

SWAMI RAMAKRISHNANANDA

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – julho de 1962

Este mundo é uma aglomeração de bem e mal, do magnânimo e do diabólico. Em cada um de nós, esses elementos estão presentes em menor ou maior grau. O esforço do homem é eliminar os elementos diabólicos, degradantes e enfraquecedores, cultivando as virtudes opostas: magnanimidade, tolerância, simpatia, amor, força e similares. Ele tem que manifestar essas qualidades divinas em sua totalidade e só então atinge sua prístina perfeição. E atingir essa perfeição é o objetivo de toda a vida. 'Tudo o que existe está se movendo em direção à manifestação dessa perfeição, esteja consciente disso ou não', diz Swami Vivekananda. Uma coisa é se mover inconscientemente ou ser arrastado pela corrente e outra bem diferente é buscar conscientemente atingir a perfeição. O primeiro pode levar eras antes que o objetivo seja alcançado, enquanto o último pode encontrá-lo nesta mesma vida. Todas as Escrituras são apenas direções para atingir essa perfeição, essa liberdade. Mas as Escrituras por si só não ajudam o homem a atingir essa perfeição, a menos que sejam auxiliadas e apoiadas pelo esforço individual. As Escrituras Hindus são ousadas e inequivocamente explícitas sobre este ponto. Elas declaram: 'Este *Ātman* não pode ser alcançado pelo raciocínio, nem por intelecto, nem mesmo pelo conhecimento de um número infinito de *Srutis* (Escrituras)'.² Elas o dizem com coragem.

As Escrituras estabelecem apenas princípios e preceitos que devemos seguir para atingir essa perfeição. O homem entende esses princípios quando tem exemplos diante de si. A maioria de nós não é constituída para entender os princípios abstratos sem a ajuda de ilustrações. 'Quem dera que todos nós fôssemos tão desenvolvidos que não precisássemos de nenhum exemplo, não precisássemos de nenhuma pessoa. Mas não somos assim', diz Swami Vivekananda. Portanto, precisamos de exemplos para explicar os princípios abstratos enunciados nos *Shastras*. As vidas de sábios e santos suprem essa necessidade. Daí surge a necessidade de estudar essas vidas, para que possamos aprender os caminhos e meios para nos livrar de nossas incrustações e *upadhis* – começando pelo ego até o corpo – que nos prendem ao mundo.

Ouvimos dizer que apenas aquele que obteve a graça de um preceptor pode conhecer *Brahman*. Só ele pode realizar Deus. Também ouvimos dizer que se deve se aproximar de tal Guru com humildade e aprender com ele por meio da reverência, do

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Katha Up. 1-2-23.

questionamento e do serviço³. Mas em uma época em que a avaliação das coisas superiores parece ter sofrido uma grande mudança e quando o ceticismo varre a Terra, essas coisas raramente são acreditadas, a menos que haja exemplos deslumbrantes que possam perfurar os véus e atingir o coração do homem.

Nossa terra [Índia] teve a sorte de abrigar personalidades de tamanha magnitude espiritual, conforme as ocasiões exigiam, que pudessem dispersar as nuvens densas de agnosticismo e descrença com rajadas de suas maravilhosas realizações. Assim, encontramos Sri Ramakrishna vindo para restabelecer os valores espirituais eternos em um momento em que a religião era considerada mera superstição. Ele reuniu ao seu redor os próprios jovens mais céticos, mas sinceros, da cidade de Calcutta para propagar sua mensagem, transformando-os e ordenando-lhes que fossem como lâmpadas para os viajantes cansados nesta terra ressequida. A alguns ele ordenou com veemência que saíssem e trouxessem a humanidade errante à razão, reunindo ao grupo as ovelhas que se haviam perdido.

Entre esses estudantes universitários estava Sashi Bhusan Chakravarti, jovem, forte, energético, com uma inteligência brilhante. Apesar de todas essas qualidades, ou talvez por causa delas, havia um fundo de inquietação nele, que o impulsionou a buscar consolo espiritual primeiro no Brahma Samaj e depois aos pés de Sri Ramakrishna. O fato de ele ser cético na época em que encontrou Sri Ramakrishna é amplamente comprovado por sua resposta à pergunta do Mestre, se ele acreditava em Deus com forma ou em um Deus sem forma. Ele respondeu: “Quando não tenho certeza da própria existência de Deus, como posso dizer de uma forma ou de outra?” No entanto, esse sentimento não durou muito. Seu primeiro contato com o Mestre revelou-lhe, por assim dizer, regiões completamente diferentes, onde tudo era reconfortante aos sentidos e concedia serenidade à mente. Ele desejava isso mais e mais. Suas visitas ao Mestre tornaram-se frequentes. Muitos dias ele vinha a Sri Ramakrishna cheio de dúvidas, mas o Mestre as resolvia todas sem que fosse necessário perguntar sobre elas. Então, desenvolveu-se uma intimidade, uma relação que uniu Sashi para sempre com o Mestre. Sashi começou a considerar as palavras de Sri Ramakrishna como ordens divinas e as seguia fielmente, ao pé da letra. Diz-se que, ao saber da excelência da Poesia Sufi, ele começou a estudar persa. Ele se dedicou tanto ao estudo que, mesmo quando ia para Dakshineswar, costumava levar aqueles livros com ele. Um dia, ele estava tão absorvido no estudo deles que não ouviu Sri Ramakrishna chamá-lo até que o Mestre o chamou três vezes. Quando, no entanto, o Mestre observou: “Se você esquecer seus deveres em nome dos estudos seculares, perderá sua devoção”, ele fez um pacote com aqueles livros e os jogou no Ganges. A partir de então, os livros perderam toda a importância para ele.

Após os dois anos de comunhão de Sashi na felicidade que fluía incessantemente em Dakshineswar, veio o golpe imprevisto na forma da doença fatal do Mestre. Sri Ramakrishna costumava dizer que essa doença dele era o artifício da Divina Mãe para separar o círculo íntimo de devotos dos demais. Entre aqueles que serviram o Mestre neste momento com incansável zelo, Sashi estava em primeiro

³ Gita IV-34.

lugar. Para Sashi, o Mestre era seu tudo. Ele não suportava a ideia de que o Mestre deixaria seu corpo mortal tão cedo. Mas todos os sinais indicavam o oposto dessa suposição. Mesmo assim, dia e noite, ele permanecia como uma sombra ao lado da cama do Mestre, cuidando dele. O serviço pessoal ao Guru foi sua principal prática espiritual nesse período, e esse foi o tom dominante de sua vida pelo resto de seus dias. Servir o Mestre de coração e alma tornou-se uma paixão para ele. Os cronistas de Sri Ramakrishna, ao se referirem ao serviço de Sashi, escrevem: “Ele não praticava nenhuma outra disciplina espiritual. Não conhecia outro ascetismo. Sem se importar com seu próprio conforto, com a alimentação ou com o descanso, ele trabalhava incansavelmente. Sua única ideia era aliviar os sofrimentos do Mestre. Teria dado sua própria vida se acreditasse que isso o curaria. Ele atingiu a perfeição através do serviço; então, de que valiam outras formas de disciplina para ele? Todos se maravilhavam com sua energia incansável, seu poder sustentado de resistência e seu amor ilimitado pelo Mestre.”

Por oito meses ou mais, Sashi não conheceu descanso nem conforto ao servir o Mestre. Mas, ignorando todas as esperanças e desejos dos devotos, o melhor aconselhamento médico, os tratamentos e os cuidados, chegou o dia da partida final do Mestre. Sri Ramakrishna estava mais alegre naquele dia do que nunca, e os devotos acreditavam que ele realmente estava melhorando, de modo que, quando o fim realmente chegou, Sashi não conseguiu acreditar. Ele contestou o médico por declarar que a vida havia se extinguido. Achava que era apenas outro *samadhi* do Mestre e pediu aos devotos reunidos que entoassem o nome do Senhor. Eles cantaram o nome de Hari por um longo tempo. Mas, quando, por fim, a vida não retornou e o corpo esfriou, eles o carregaram até o local da cremação. A angústia que Sashi sentiu com a partida de seu amado Mestre só pode ser imaginada, não descrita. Ele caiu inconsciente aos pés do Mestre. No entanto, ao recuperar os sentidos, cantou o nome do Mestre em um louvor triunfante. Quando a cremação terminou, ele recolheu as relíquias que restaram e as carregou sobre a cabeça até o jardim de Cossipore.

O serviço de Sashi ao Mestre não parou com o desaparecimento do corpo físico do Mestre. Encontramos Sashi novamente engajado no serviço ao Mestre no Monastério de Baranagore, para onde se mudaram após o fim do arrendamento da [Casa] Jardim de Cossipore. Ali, Sashi Maharaj reservou um cômodo separado para a preservação das relíquias do Mestre. Colocando um retrato do Mestre sobre um pedestal naquele cômodo, ele começou a adorá-lo de maneira ortodoxa. Sua devoção e culto tocaram profundamente e causaram forte impressão nos visitantes.

No final de dezembro de 1886, os jovens discípulos que haviam renunciado ao mundo tomaram formalmente os votos de *sannyasa* e assumiram novos nomes. Narendra, a quem o Mestre confiou os discípulos, queria para si o nome “Swami Ramakrishnananda”. Mas, ao ver o amor ilimitado que Sashi tinha pelo Mestre e a maneira inimitável com que o servia, Narendra abriu mão do cobiçado nome em favor de seu irmão discípulo. E, fiel ao seu nome, Sashi Maharaj encontrou felicidade no serviço ao Mestre e na disseminação de sua mensagem até o fim de sua vida, excluindo todas as suas necessidades pessoais.

Os primeiros dias no monastério foram de extrema privação. As contribuições feitas por alguns discípulos leigos do Mestre eram insuficientes para cobrir as despesas da irmandade. Às vezes, eles iam em turnos para mendigar, mas o alimento assim conseguido não era sequer suficiente para o dia. Swami Ramakrishnananda, naquela época, trabalhou como professor por três meses em uma escola secundária próxima para manter o monastério e o serviço ao Mestre. Enquanto os outros se perdiam em meditação, era Swami Ramakrishnananda quem, depois de oferecer a comida a Sri Ramakrishna, esperava com as refeições ou até mesmo os tirava da meditação à força. Assim, ele zelava pelas relíquias do Mestre e cuidava dos filhos espirituais do Mestre como uma mãe.

Ele acreditava que o Mestre estava presente no santuário e, portanto, nunca sentiu necessidade de fazer peregrinações. Ele experimentava a santidade de todos os locais de peregrinação ali mesmo, no santuário. Quando todos os outros irmãos discípulos, respondendo ao chamado da vida itinerante, deixaram o monastério um a um, Swami Ramakrishnananda permaneceu firme em seu posto, vigiando as sagradas relíquias do Mestre. Ele nunca sequer foi a Calcutta para visitar Suresh Mitra, um devoto do Mestre que estava à beira da morte. Mas, devido à insistência deste, ele finalmente foi em uma carruagem alugada para a viagem de volta, passou uma hora com o devoto e retornou ao monastério.

Para Swami Ramakrishnananda, a imagem do Mestre deixou de ser apenas uma imagem. Ele tratava o retrato como se fosse o próprio Mestre em carne e osso. Numa noite abafada no monastério de Alambazar – para onde o monastério havia sido transferido de Baranagore –, enquanto se abanava, levantou-se de repente, sentindo que o Mestre também deveria sofrer com o calor escaldante. Entrou no santuário e, permanecendo ao lado do leito do Mestre, abanou-o até o amanhecer. Tais incidentes não eram raros em sua vida.

Após 11 anos de vigília constante sobre as relíquias do Mestre, ele foi chamado por Swami Vivekananda para ir a Madras, fundar um monastério em nome do Mestre e espalhar sua mensagem. Swami Ramakrishnananda prontamente atendeu ao chamado do líder, reconhecendo nele a mão orientadora do Mestre; afinal, não foi Sri Ramakrishna quem confiou a responsabilidade de todos a Swami Vivekananda? Não foi ele quem fez de Vivekananda seu líder? Assim, ele pegou o próximo navio para Madras e chegou lá no final de março de 1897, levando consigo uma foto emoldurada de Sri Ramakrishna.

Assim como em Baranagore e Alambazar, em Madras ele também estabeleceu um santuário e realizava diariamente a adoração ao Mestre. Todas as atividades do Mosteiro giravam em torno de Sri Ramakrishna. Mas, novamente, foram tempos de grandes dificuldades. O fervor e entusiasmo despertados pela triunfante viagem de Swami Vivekananda ao Ocidente haviam se dissipado após as recepções que ele recebeu em Madras e em outros lugares. Assim, quando Swami Ramakrishnananda fundou um monastério primeiro na Ice House Road, depois na Ice House e, posteriormente, em Mylapore, ele muitas vezes teve que ser ao mesmo tempo sacerdote, cozinheiro, servo e tudo mais, devido à escassez de recursos. Ele ministrava aulas em diferentes partes da cidade. Às vezes, quando retornava à noite, estava tão

exausto que não conseguia cozinhar. Nessas ocasiões, ele satisfazia sua fome com um pedaço de pão. Ainda assim, exceto por alguns de seus alunos, que conheciam suas dificuldades e se ofereciam para ajudá-lo, ninguém se preocupava em saber de sua situação. Ele era muito reservado para aceitar a ajuda oferecida por esses jovens, temendo que isso lhes causasse inconvenientes, pois a condição deles também estava longe de ser próspera.

Essas privações, no entanto, não o impediram de manter o culto ao Mestre com todos os seus detalhes. Foram tempos tão difíceis que, às vezes, não havia nada para oferecer ao Mestre, e o Swami, em grande angústia, ia ao santuário para derramar sua dor. Certa vez, quando o Swami estava no santuário, alguns visitantes chegaram e o ouviram clamar em voz alta e em tom de indignação: “Você me trouxe aqui, Velho, e me deixou sem ajuda! Está testando minha paciência e resistência? Não irei mais mendigar, nem por mim nem por você. Se algo vier sem que eu peça, eu lhe oferecerei e compartilharei o *prasadam*. Caso contrário, trarei areia do mar como oferenda para você e viverei disso.”

Assim como fazia no monastério de Alambazar, em Madras também costumava abanar o retrato do Mestre por horas a fio, tanto à tarde quanto à noite, nos dias mais quentes. Com o passar do tempo, sua convicção de que o Mestre estava realmente presente na imagem tornou-se cada vez mais forte. Por isso, seu culto assumiu o caráter clássico de serviço a um ente querido. Sempre que sentia calor sufocante, imediatamente se lembrava do Mestre, abria o santuário e começava a abaná-lo. Além disso, como afirmou a irmã Devamata: “Ele estava morto para si mesmo e vivo apenas no Mestre.” Escrevendo sobre o Swami, ela acrescenta: “Seu ir e vir, seu comer e dormir, seu trabalho e ensinamento, toda a sua vida surgia da vontade do Mestre, nunca de seu próprio desejo ou conveniência. Aqueles que o viram carregar o retrato do Mestre junto ao coração, seu corpo curvado sobre ele para protegê-lo enquanto caminhava sob a chuva, da carruagem até a entrada do novo salão do Mosteiro em Mylapore (Madras), quando transferiu o santuário do Ice House para lá, puderam apreciar a ternura de seu amor, o poder de sua devoção ao Guru, que transbordava de seu ser. Ele poderia dizer de seu Mestre, com a mesma verdade que São Paulo disse do seu: ‘A vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus.’”

Um incidente ocorrido no Mosteiro de Mylapore reflete bem essa fé do Swami. O primeiro prédio do Mosteiro em Mylapore tinha rachaduras em vários pontos e, durante as chuvas, a água penetrava por essas fissuras. Em tais momentos, Swami Ramakrishnananda entrava no santuário para verificar se a água estava vazando pelo teto. Certa noite, ele percebeu que a água gotejava exatamente sobre a imagem do Mestre. Ele permaneceu ali a noite inteira, segurando um guarda-chuva sobre o Mestre até que a chuva cessasse. Ele não moveu o retrato do Mestre para um local mais seguro, pois isso significaria perturbar o sono do Mestre em um horário incomum.

A vida de Swami Ramakrishnananda foi de grande austeridade e total entrega. Sua completa dependência do Mestre foi observada em mais de uma ocasião. Com a morte de Mr. Biligiri Iyengar, o proprietário original, a Ice House, onde o Mosteiro estava instalado, foi colocada em leilão. Os devotos, receosos das consequências caso a

casa fosse adquirida por um estranho, estavam profundamente preocupados, e um deles relatava constantemente o andamento do leilão ao Swami. No entanto, o Swami, que estava sentado a alguma distância da multidão reunida, permanecia calmo e sereno e, após algum tempo, disse ao devoto: “Minhas necessidades são poucas, o que nos importa quem compra ou vende? Só preciso de um pequeno quarto para Sri Guru Maharaj. Posso ficar em qualquer lugar e passar meu tempo falando sobre ele.”

Outra vez, Swami Ramakrishnananda foi a Puri para acompanhar Swami Brahmananda até Madras. Por um mal-entendido, nenhuma vaga foi reservada para ele no trem. Com muita dificuldade, conseguiram para ele um beliche superior, que, devido à estrutura frágil, representava um perigo considerável para os passageiros abaixo, gerando comentários ríspidos. Um dos amigos que foram se despedir do Swami se sentiu constrangido com a situação. A resposta tranquila e sorridente do Swami foi: “Não se preocupe. A Divina Mãe cuidará de mim.” E, surpreendentemente, o trem precisou ser abandonado porque a locomotiva descarrilou; um outro trem foi disponibilizado para Madras em outra linha, e nele o Swami recebeu um compartimento de primeira classe só para ele, providenciado pelo chefe da estação. Ao embarcar, ele disse a Devamata com o mesmo sorriso confiante: “Eu te disse, irmã, que a Divina Mãe cuidaria de mim.”

Em outra ocasião, foi amplamente divulgado que, no dia seguinte, aniversário de Sri Ramakrishna, haveria um grande banquete para os pobres, mas não havia um único saco de arroz no Mosteiro. Quando um devoto perguntou ao Swami como ele alimentaria os necessitados, a resposta tranquila veio em um tom compassivo: “Você é um tolo. Não tem fé em Annapurna Devi? Ela cuidará de Seus filhos. Coloque todo o fardo sobre Ela e fique livre de todas as preocupações.” Enquanto conversavam, carroças carregadas de arroz e provisões suficientes entraram no pátio do Mosteiro. Assim, a afirmação de Sri Krishna no Gita — “Eu assumo a responsabilidade pelo bem-estar daqueles que se entregam completamente a Mim” — foi comprovada integralmente.

Sua vida foi de intensa atividade. Ele chegava a dar até onze aulas por semana em Madras. Foi convidado para palestrar em diversas partes do sul da Índia, em Bombaim e até na distante Birmânia. No entanto, mesmo no meio de tamanha atividade, permaneceu desapegado, sozinho, embora cercado por pessoas. Como as águas profundas do oceano, seu ser interior permanecia imóvel, apesar das ondas de atividades e perturbações à superfície. Certa vez, ele comentou: “Estou pleno de Deus. De que mais preciso?” E analisou: “Solitude significa unicidade, pureza. Na realidade, a verdadeira ausência de medo existe onde há apenas um. Não podemos ser felizes enquanto tivermos medo, não encontraremos paz, só quando pudermos dizer ‘Estou só, nada preciso’.”

O *Bhagavad Gita* e o *Vishnusahasranama* eram muito queridos ao seu coração. Todas as manhãs, antes de iniciar seu trabalho, ele os recitava sem falta. Suas observações sobre a eficácia da recitação do *Gita* merecem atenção especial nesta era, quando os modernos céticos e críticos depreciam e duvidam do valor de tal prática — especialmente quando realizada sem a compreensão do significado. Ele dizia: “Seja um negócio urgente ou não, aprendi que a leitura do *Gita* é a mais meritória e gloriosa

de todas as ações. Como pode alguém, que por um momento sequer compreendeu as verdades centrais do *Gita*, ser atraído pelas futilidades do mundo? Para realmente saborear a doçura do *Gita*, é necessário possuir a força de *Bhakti* e a devoção irrestrita de um coração puro. No entanto, mesmo a mera repetição das palavras sagradas que saíram dos lábios de Bhagavan Sri Krishna não pode ser ineficaz. Com certeza despertará no leitor um inabalável senso de pureza e devoção.” Será que os sábios do mundo dariam uma chance a esse ensinamento antes de condenar tais práticas?

Vivendo ao lado de um homem-divino, Swami Ramakrishnananda aprendeu a respeitar os profetas de todas as religiões e seitas. Ele considerava blasfêmia falar mal deles e não tolerava ninguém os depreciando em sua presença. Suas repreensões nesses momentos eram severas, independentemente de quem fosse o interlocutor. Certa vez, ele abandonou um encontro onde havia sido convidado para discutir tópicos religiosos porque alguém falou desrespeitosamente sobre Sri Shankara, afirmando que não poderia permanecer onde o Acharya não fosse respeitado.

Em outro momento, um devoto rico fez comentários depreciativos sobre Shankara na presença do Swami. Ele reagiu com uma resposta tão firme que silenciou o orador. Alguns devotos presentes temeram que aquele homem rico deixasse de contribuir com o Mosteiro, mas o Swami não se preocupou com isso. Pelo contrário, o próprio homem compreendeu seu erro e se corrigiu. Em outra ocasião, um jovem que fez comentários desrespeitosos sobre o *Chaitanya Charitamrita* também experimentou sua indignação. Assim, por meio de palavras e exemplos, ele ensinou que todo mestre religioso é grande e merece toda nossa homenagem e reverência.

Sua vida foi de completo desprendimento. Para ele, o egoísmo significava degradar, desmoralizar e corromper a si mesmo. Para ele, a afirmação do ego era uma atrocidade. Ele dizia: “Quando Deus Se afirma no homem, este se torna bom, puro e virtuoso. Tente sentir Deus dentro de si mesmo e superará todo egoísmo. Todas as suas preocupações e ansiedades vêm do egoísmo. Liberte-se do pequeno eu e elas desaparecerão.” Ele ainda acrescentava: “Enquanto formos egoístas, nosso trabalho será inútil. Podemos dar belos discursos, podemos ganhar nome e fama, mas os resultados reais serão nulos.” Ele perguntava: “Como podemos ser insensíveis? Se não conseguimos amar os outros, se não conseguimos servir aos outros, para que estamos aqui?” E foi desse coração compassivo que surgiu a concepção do ‘Lar dos Estudantes’ (Students’ Home), quando encontrou alguns meninos órfãos devido à epidemia de peste em Coimbatore. O Swami tomou-os sob seus cuidados e assim foi formado o núcleo do ‘Students’ Home’ de Madras, que hoje oferece amparo a centenas de meninos pobres anualmente.

Ele foi o pioneiro do Movimento Ramakrishna, primeiro em Calcutta e depois no Sul da Índia. Foi ele quem manteve a fortaleza, por assim dizer, quando todos os outros partiram para a prática do *tapasya* ou em peregrinação. Foi ele quem administrou os assuntos do monastério durante os primeiros onze anos, nos seus dias mais críticos. Apesar de enfrentar os desafios típicos de um pioneiro de um novo movimento, ele os encarou corajosamente e os resolveu. E para tudo isso, seu único recurso era sua devoção ao Mestre e sua tranquila resignação à vontade divina. Citando Swami Premananda, um dos discípulos diretos do Mestre: “Na verdade,

Swami Ramakrishnananda, e nenhum de nós, é o fundador do Mosteiro e do seu santuário. Ele permaneceu fiel ao santuário, apesar dos protestos de seus irmãos discípulos.” E esse culto tem ajudado milhares de pessoas a fortalecerem sua fé na adoração externa e a crescerem espiritualmente, tanto neste país quanto fora dele.

Ele viajou amplamente, dando palestras e espalhando a mensagem da Vedanta como vivida pelo Mestre por todo o Sul da Índia. Sua mensagem foi bem recebida, especialmente em Bangalore, Mysore e Travancore. Com seus incansáveis esforços, um monastério foi estabelecido em Bangalore sobre bases sólidas. No entanto, não se deve julgar as realizações dos grandes pelo impacto imediato, pois as sementes que eles plantam nunca são infrutíferas, elas aguardam seu tempo e, quando um ambiente adequado é criado, germinam e produzem frutos abundantes. O país hoje colhe uma rica colheita das sementes que ele plantou na primeira década deste século [século XX].

Ele foi um grande escritor, tanto em bengali quanto em inglês. Seu livro sobre a vida de Ramanuja, escrito em bengali, é considerado um clássico e trouxe ao Norte da Índia detalhes da vida do *Acharya* até então pouco conhecidos. Ele contribuiu com muitos artigos para o *Udbodhan*, o jornal bengali da Ordem. O livro *Universe and Man*, uma coleção de seus discursos, tornou-se a primeira publicação do Mosteiro de Madras e foi altamente apreciado pelo então Yuvaraja de Mysore. Mais tarde, outros discursos seus foram publicados em forma de livro. Assim, encontramos nele um erudito, um escritor e um palestrante de grande reputação. Mas, acima de tudo, sua vida foi a ilustração de seus ensinamentos.

Estar com Swami Ramakrishnananda era uma verdadeira educação. Ele era um disciplinador rigoroso, tendo vivido ele próprio uma vida de austeridade. Mas todas as suas repreensões visavam moldar a vida dos noviços, e não eram meramente autoritárias. Ele amava esses jovens e gostava de vê-los crescer espiritualmente. Com o bem-estar deles no coração, como poderia permanecer indiferente quando erravam? No início, os jovens monges ficavam magoados com suas repreensões, mas logo compreendiam o amor do Swami por eles e passavam a aceitá-las com o espírito correto. Certa vez, um jovem monge, muito querido por ele, foi visitar seus pais e voltou trazendo presentes de roupas e um manto de seda. Swami Ramakrishnananda notou isso, chamou o jovem e perguntou para quem era o manto de seda. O monge, com medo, respondeu que era para o próprio Swami Ramakrishnananda. O Swami pegou o manto e ordenou que ele jogasse fora todas as roupas. Quando o monge o fez, o Swami disse: “Para a segurança da vida monástica, todas as memórias do lar devem ser apagadas. Se isso não for feito, como um monge poderá ver cada lar como seu próprio e toda a humanidade como sua família?”

Ele não permitia que as rígidas regras da vida monástica fossem violadas por ninguém. Uma vez, quando estava fora da cidade, Sister Devamata, que havia conquistado um espaço especial em seu coração devido à sua devoção, viu que seu quarto estava desorganizado e decidiu limpá-lo, colocando sua roupa de cama ao sol e arrumando suas coisas cuidadosamente. Ao retornar, o Swami notou a mudança, repreendeu sua ação e deixou claro que ela estava errada por tocar na cama de um monge, advertindo-a a não repetir tais atos.

Já mencionamos seu amor pelos irmãos discípulos nos dias de Baranagore e Alambazar. Esse amor continuou fluindo ao longo de sua vida. Swami Brahmananda, o filho espiritual de Sri Ramakrishna, era não apenas amado, mas também reverenciado por ele como representante do Mestre. Quando Swami Brahmananda visitou Madras, Swami Ramakrishnananda disse aos devotos: “Vocês não viram o Mestre, mas ver Swami Brahmananda é o mesmo que vê-lo.” Essa fé firme se confirmou quando um devoto trouxe algumas frutas para Sri Ramakrishna e Swami Ramakrishnananda pediu que as oferecesse a Swami Brahmananda.

Seu respeito e reverência pela Santa Mãe eram iguais ao que ele sentia pelo Mestre. Um dos seus grandes desejos na vida era trazer a Santa Mãe para o Sul da Índia. Quando ela finalmente veio, ele a acompanhou em sua jornada, cuidando meticulosamente de seu conforto. Quando, após sua estadia, ela partiu para o Norte, Swami Ramakrishnananda disse: “A ambição da minha vida foi realizada.”

Ele não viveu muito depois disso. Logo, o excesso de trabalho, que já vinha afetando sua saúde, o clima debilitante do Sul e as privações que sofreu o tornaram vítima de uma doença fatal, a tuberculose. Os médicos recomendaram mudança imediata, e os devotos imploraram para que ele fosse para o Norte, mas ele não deixou seu local de dever até receber ordens de Swami Brahmananda. No entanto, a doença provou ser fatal, e ele faleceu em 21 de agosto de 1911.

Tal foi a vida de Swami Ramakrishnananda: um fogo ardente de renúncia, um exemplo de devoção e serviço ao Guru, um mestre de grande magnitude, um modelo de obediência e senso de dever, e, acima de tudo, um coração tão suave quanto manteiga, que derretia ao ver o sofrimento dos outros. Embora já tenha se passado mais de meio século desde sua partida, sua vida ainda irradia aquele brilho que as nuvens não podem obscurecer, nem as trevas podem impedir, mas que continua a guiar todos aqueles que trilharem o caminho da salvação.

